

Corpos femininos: um olhar para o gênero no ensaio fotográfico Corpus¹

Paula Maria Nascimento TEIXEIRA²

Aline Guerra SANTOS³

Ananda Dinato Tavares SILVA⁴

Gabriel Rodrigues Alves SANTOS⁵

Maria Emília Duarte SOARES⁶

Mirna TONUS⁷

Christiane Pitanga Serafim da SILVA⁸

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

RESUMO

No presente trabalho buscamos apresentar o ensaio fotográfico Corpus, produzido para a edição piloto da Amarela Magazine, resultado da disciplina de Projeto Experimental do curso de Comunicação Social: Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia. Com a diversidades de mulheres apresentadas nas imagens, buscamos refletir das características que a definem enquanto mulher e como as diferenças também se constituem elementos de suas identidades.

PALAVRAS-CHAVE: ensaio fotográfico; gênero feminino; mulher.

1 INTRODUÇÃO

O que é ser mulher? Já se nasce uma, geneticamente destinada pelo par de cromossomos sexuais XX? Ou torna-se uma, como afirma a célebre frase de Simone de Beauvoir? Observando a pluralidade de mulheres, buscamos retratar essa diversidade a fim de transpor para as imagens o olhar sobre mulheres, marcadas em suas diferenças. Esses

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Produção Transdisciplinar, modalidade PT 03 Ensaio Fotográfico Artístico (conjunto).

² Aluna líder do grupo e bacharel em Comunicação Social: Jornalismo da UFU, 2015/2, email: paulamnascimento@live.com.

³ Estudante do último período do Curso de Comunicação Social: Jornalismo da UFU. email: alineguerra12@gmail.com.

⁴ Estudante do último período do Curso de Comunicação Social: Jornalismo da UFU. email: anandadts@hotmail.com.

⁵ Estudante do último período do Curso de Comunicação Social: Jornalismo da UFU. email: gabrielras@live.com.

⁶ Bacharel em Comunicação Social: Jornalismo da UFU, 2015/2, Mestranda no Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação, email: memiliaduarte@gmail.com.

⁷ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UFU, email: profamirna@gmail.com.

⁸ Co-orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UFU, email: chrispitanga@yahoo.com.br.

questionamentos direcionaram a produção do ensaio fotográfico *Corpus*, que integra a edição piloto da *Amarela Magazine*, resultado das disciplinas de Projeto Experimental, pelo grupo formado pelos estudantes Aline Guerra Santos, Ananda Dinato Tavares Silva, Gabriel Rodrigues Alves Santos, Maria Emília Duarte Soares, Paula Maria Nascimento Teixeira e Thiago Costa Farias Pereira Lima, do curso de Comunicação Social: Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia.

2 OBJETIVO

A *Amarela* pautou-se primordialmente em produzir um ensaio fotográfico que integrasse a edição piloto e que pudesse mostrar a diversidade do universo feminino que a equipe buscava representar em suas publicações.

Com isso, buscamos contribuir para uma visão empoderadora do que se relaciona ao gênero feminino, mostrando sua participação nos diversos espaços sociais. Uma reflexão do próprio gênero feminino é levantada. Nos seus mais diversos aspectos, buscamos mostrar que não são “só” mulheres, mas que trazem consigo outras identidades, considerando a interseccionalidade da constituição do sujeito, como ser magra, gorda, negra, branca, cis, trans*, tatuada, entre outras.

3 JUSTIFICATIVA

Considerando o recorte feito para a produção do ensaio fotográfico *Corpus*, foram levados em conta dois elementos principais para a leitura do referencial teórico: o conceito de gênero, com o olhar direcionado ao feminino - de onde se origina e que possui maior produção acadêmica - e a conceituação de ensaio fotográfico.

3.1 Gênero

Gênero é uma construção social; mais que isso, para Scott (1989, p. 88), “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e [...] uma forma primeira de significar as relações de poder”. A palavra gênero passa a ser utilizada no lugar de sexo para evitar a ideia já sobreposta de determinismo

biológico. O gênero se constrói na relação com o outro: para entender o que é feminino, é preciso também analisar o que é masculino, sempre numa perspectiva relacional (GIDDENS, 2005).

A classificação de gênero é “uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado” e “ênfatiza todo um sistema de relações que podem incluir sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade” (SCOTT, 1989, p.75-76).

Portanto, “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1989, p. 86), constituído sobre quatro aspectos: as representações simbólicas, culturais e míticas/místicas de dualidades; os conceitos normativos, que se estruturam sob uma lógica binária fixa das simbologias; a organização social e institucional dos aspectos binários; e a identidade subjetiva dos indivíduos frente a lógica binária formalizando sua identidade de gênero. “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1967, p. 9).

Diferentes autores compreendem os estudos do gênero feminino. Beauvoir (1967) descreve que a forma como a “fêmea” assume seu papel social não é definida por fatores biológicos, psíquicos, econômicos, mas é determinada pelo “conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam como feminino” (p. 10). Perrot (2005) afirma que as mulheres foram privadas do espaço público, constituindo parte silenciada da história, sendo consideradas machos incompletos até a Idade Média. Também nesta perspectiva, Scott (1989, p. 73) compreende que a inscrição das “mulheres na história implica necessariamente a redefinição e o alargamento das noções tradicionais do que é historicamente importante, para incluir tanto a experiência pessoal e subjetiva quanto as atividades públicas e política”. Lipovetsky (2000) envolve três arquétipos da história feminina: a primeira mulher, em que a beleza era “demonizada”, sendo considerada um homem incompleto; a segunda mulher é rainha-do-lar, responsável pelo cuidado doméstico e dos filhos, marcada pelo direito a ser bela; já a terceira mulher é contemporânea, com carreira profissional crescente, mas que ainda encontra conflitos nas relações de gênero e que ainda tem a “obrigação” de treinar a beleza do corpo.

É importante ressaltar que existe a noção de gênero, dentro da perspectiva dos estudos *queer*, que entendem que não é imposto sobre o corpo sexuado, sobre a matéria. Gênero se “materializa” no discurso e na performance (BUTLER, 2003), assim como o próprio sexo “biológico”, pois não existe pré-discursivamente.

A interseccionalidade, nessa perspectiva, surge como uma alternativa de discutir as diferenças relacionais de acordo com as diferentes socializações das mulheres. Segundo Rodrigues (2013), o conceito surge junto às mulheres negras, que, por enfrentar dificuldades de espaço dentro do movimento feminista e do próprio movimento negro, passaram a cobrar a necessidade de reconhecer as relações de poder de categorias como classe, gênero e raça. A partir do final dos anos 1980, esses grupos de feministas negras passam a definir sua militância como feminismo interseccional, por considerar importante reconhecer as necessidades específicas de cada vivência. Como afirma Pires (2013, p. 1), “há de ter coerência em nossas lutas: o feminismo que queremos deve incluir o movimento negro, o movimento LGBT. Tem que ser contra a gordofobia, não validar o *slut shaming*, ser contra o cissexismo. Sem policiamento dos corpos e dos pensamentos”.

3.2 Fotografia

A fotografia se desenvolveu e se popularizou a partir da Revolução Industrial, com o desenvolvimento da ciência e da indústria. O processo, extremamente artesanal, foi sendo aperfeiçoado ao longo dos séculos e, hoje, é digital (KOSSOY, 2001). Benjamin (1985) era entusiasta da ideia da reprodutibilidade de obras de arte, ou seja, nada era único. Toda obra de arte estava suscetível à cópia, o que, de certa forma, criou um paradigma nas artes questionando o motivo pelo qual uma obra de arte é conceituada como tal, desenvolvendo o conceito de “aura”.

Além de ser caracterizada como arte, a fotografia passou também a ser considerada um instrumento de investigações históricas, uma vez que, por meio delas, era possível pesquisar paisagens, arquitetura, costumes e registrar fatos históricos ocorridos (KOSSOY, 2001). O registro em si seria um fragmento materializado do tempo que se passou,

submetendo o produto final – a fotografia – a uma soma de elementos constitutivos, composta por um assunto, pelo fotógrafo e pela tecnologia utilizada na produção.

Começou-se, assim, a se enxergar uma unidade entre texto e imagem no propósito de informar o leitor acerca do acontecimento. As tecnologias também tiveram grande avanço na década de 1930, com invenções importantes sendo realizadas nessa época (SOUSA, 2004). Kossoy (2001) afirma que a fotografia fornece provas e indícios da construção histórica e social que seu produtor se propõe a fazer, funcionando como um documento iconográfico de determinada realidade.

A partir dessa leitura, o ensaio fotográfico, construindo uma linha narrativa a partir de várias imagens se configura numa construção mais ampla do olhar do fotógrafo.

É através do ensaio que o fotógrafo pode expressar com mais intensidade sua visão sobre determinado tema, e é importante que se sinta a singularidade que a presença do ponto de vista do autor permite ao trabalho. Ao mergulhar em um ensaio o autor se vê inserido em um processo que exige muito mais que a captura de imagens. Exige uma reflexão sobre a conexão entre estas imagens, sobre a edição que melhor pode expressar sua intenção no trabalho (tendo assim mais efeito que a simples exposição de tudo que se pode revelar a respeito do assunto em questão) e sobre a apresentação que seja mais eficiente para tocar o outro, seu apreciador. (FIÚZA & PARENTE, 2008, p.171)

Assim, o ensaio fotográfico não entra como uma simples reprodução iconográfica, de modo a valorizar o design do site. Ele se configura enquanto construção narrativa e simbólica e, por si só, passa uma mensagem acerca dos sujeitos fotografados e do contexto social no qual os mesmos se encontram imersos.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para a produção do ensaio fotográfico, foi utilizado um espaço cedido para a realização das fotos. O local contava com paredes brancas e uma pequena sala para interação entre as mulheres que participaram.

As fotos foram tiradas pela Ananda Dinato, utilizando um câmera *Nikon D610*, com os demais membros da equipe auxiliando com as adaptações de iluminação, provendo acessórios e mobílias. Após isso, com as imagens já selecionadas, iniciou-se o processo de edição e finalização utilizando o *software Adobe Photoshop Lightroom CC*, colocando um efeito “preto e branco” nas imagens para trabalhar artisticamente o aspecto direto e “cru” das imagens.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A equipe convidou em grupos da universidade e entre conhecidas, mulheres que se dispunham a participar do ensaio fotográfico para a edição piloto. Com isso, chegamos a Ana Lúcia Caetano, Andressa Clemente, Érica Abreu, Gabriela Oliveira, Lila Monteiro, Mariely Dalmônica e Samanta Verhaeg, todas estudantes maiores de idade que assinaram autorização permitindo a realização e publicação das fotos.

Dentro do site da Amarela, as fotos selecionadas foram disponibilizadas no link <http://amarelamagazine.com/2015/07/01/corpus/>. Na publicação, está o seguinte texto: “Amarela-se. Amar ela se. Ela se ama. Com o corpo que tem e a alma que carrega. A marca do se tornar mulher. Branca, negra, magra, gorda, mãe, esportista, cis, trans, mocinha, vilã, virgem, puta. Várias. Bruxa, santa, experimental” (AMARELA, 2015).

6 CONSIDERAÇÕES

O ensaio fotográfico *Corpus* buscou consolidar e sintetizar o espírito da edição piloto da Amarela, consistindo uma proposta de dissolução narrativa para que se teça de maneira orgânica com o público que a equipe busca representar.

As fotos trazem como fundo uma reflexão do que é ser mulher, os limites, as nuances e as performances do gênero feminino materializado na leitura identitária de cada uma delas sobre os próprios corpos. E, em conjunto com a Amarela como um todo, contribuir com a produção acadêmica que embasa esse trabalho de maneira prática, possibilitando novos olhares para a relação mídia e gênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Vol. II. Sérgio Milliet (trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1967. 2ª ed.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica. **Obras escolhidas**. São Paulo: Ed. Brasiliense, v. 1, 1986.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FIÚZA, Beatriz Cunha; PARENTE, Cristiana. O conceito de ensaio fotográfico. **Discursos Fotográficos**, v. 4, n. 4, p. 161-176, 2008.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Sandra Regina Netz (trad.). Porto Alegre: Artmed, 2005. 4ª ed.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher**: permanência e revolução do feminino. Maria Lucia Machado (trad.). São Paulo: Companhia das Letras. 2000.

PERROT, Michele. **As mulheres ou os silêncios da história**. Viviane Ribeiro (trad.). Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PIRES, Zaíra. Sobre transexualidade, feminismo interseccional e sororidade. **Blogueiras Negras**. 06 de junho de 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/LYSASU>>. Acesso em 27 de janeiro de 2015.

RODRIGUES, Cristiano. Atualidade do conceito de interseccionalidade para a pesquisa e prática feminista no Brasil. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, 10. Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível em <<http://goo.gl/weCYqb>>. Acesso em 27 jan. 2015.

SCOTT, Joan. **Gênero, uma categoria útil de análise histórica**. New York: Columbia University Press, 1989. Disponível em <<http://goo.gl/mEaXjp>>. Acesso em 17 jan. 2015.

SOUSA, Jorge Pedro de. Fotojornalismo: introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. **BOCC – Biblioteca online de ciências da comunicação**, 2004. Disponível em: <<http://goo.gl/0Wxu06>>. Acesso em: 20 jan. 2015.